

Benjamin  
Blech

# Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?

E-book  
Vol. 6



Conteúdo extraído do livro:

**Se Deus é bom, por que o mundo é tão ruim?**

Rabino Benjamin Blech  
Editora e Livraria Sêfer

2006

Copyright © 2003 by Benjamin Blech

Direitos reservados à  
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.  
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil  
Tel. 3826-1366 sefer@sefer.com.br www.sefer.com.br



## **CAPÍTULO 12**

# **O FATOR DE EQUILÍBRIO**

Um dos grandes reis dos israelitas foi Ezequias [Chizkiáhu], um homem santo que ensinou os caminhos de Deus à nação. Mas por algum motivo seus ensinamentos escaparam ao seu próprio filho, Menashê, que o sucedeu como rei aos 12 anos de idade; não demorou muito e tornou-se um adorador de ídolos. Todo o esforço que o seu pai teve com ele quando criança não o levou para a trilha correta.

Entretanto, alguma coisa mudou Menashê.

No meio de uma batalha, seus inimigos assírios o capturaram, e essa reviravolta provocou uma transformação incrível.

Em poucas palavras, foi o sofrimento que fez com que Menashê se voltasse para Deus. Por quê? Porque submetido a essa nova circunstância, simplesmente não havia mais ninguém para quem se voltar. E então, quando o jovem arrogante estava de joelhos, finalmente humilde diante de Deus, o Todo-Poderoso ouviu suas orações e o fez retornar ao seu reino, em Jerusalém, onde ele novamente passou a reverenciar o Deus único.

Essa história nos leva a outra resposta de por que as pessoas sofrem. Eu chamo isso de "princípio da humildade".

## **O PRINCÍPIO DA HUMILDADE**

O conceito de uma necessidade de humildade como razão para o sofrimento é apresentado no Talmud<sup>49</sup> de um modo muito interessante.

Segundo essa história, o grande Rabi Eliezer está doente, sofrendo terrivelmente. Os visitantes vêm consolá-lo ao lado da sua cama e entre eles

estão quatro Sábios da época: Rabi Tarfon, Rabi Yehoshua, Rabi Elazar ben Azariá e Rabi Akiva.

Rabi Tarfon lhe diz: "Tu és mais precioso do que a chuva, porque esta é só para este mundo, mas tu, Rabi Eliezer, és para este mundo e o próximo."

Com essa frase poética, ele parece dizer de fato a Rabi Eliezer: "Não se preocupe. É possível que Deus não possa te levar, porque, assim como a terra seca necessita das chuvas, as pessoas que precisam dos teus ensinamentos não podem ficar sem ti. Por isso Deus não te fará morrer mais do que Ele interromperá a chuva, que é essencial à vida." Ou ele poderia estar dizendo a Rabi Eliezer: "Não se preocupe, porque teus ensinamentos viverão além de ti, pois tu és como as chuvas que, posteriormente, fazem com que os frutos cresçam."

Então Rabi Yehoshua afirma: "Tu és mais valioso para Israel do que o sol. O sol é somente para este mundo, enquanto tu és para este mundo e para o próximo."

Rabi Yehoshua parece ter encontrado outra frase poética para ecoar as palavras de Rabi Tarfon.

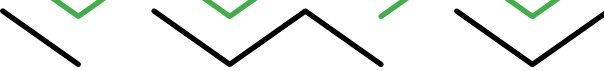
Então Rabi Elazar ben Azaria diz: "Tu és para nós mais importante do que um pai e uma mãe. Os pais são para este mundo; eles trazem um filho para cá, mas tu és para este mundo e para o próximo."

Novamente uma frase igualmente poética, embora essa comparação tenha sido mais pessoal do que a anterior.

Enquanto consolavam seu amigo, Rabi Tarfon, Rabi Yehoshua e Rabi Elazar ben Azaria pareciam também verbalizar a Deus o quanto ele era importante para eles. Eles estavam dizendo: "Deus, veja como estamos nos sentindo. Veja como precisamos deste homem!"

Mas então vem a declaração final do mestre, Rabi Akiva. Ele simplesmente diz: "Sofrer é precioso."

Os demais enfatizaram a Rabi Eliezer que o seu sofrimento teria um fim



breve, pois ele significava muito para eles. Eles estavam, de fato, negando o que estava acontecendo.

Por outro lado, Rabi Akiva não apenas aceitou o que estava acontecendo, como elevou a situação para outro patamar, ao encontrar um aspecto positivo para isto. O sofrimento é valioso, precioso.

Com isso, Rabi Eliezer se reanima. Ele pede para se sentar a fim de ouvir melhor, e pergunta: "Akiva, como você sabe disso? Onde, na Bíblia, você encontra uma afirmação assim?"

E Rabi Akiva<sup>50</sup> cita a história de Menashê como sua fonte. Ele conclui que aprendemos dessa narrativa como o sofrimento pode ser precioso. O sofrimento é uma experiência educacional. Ele entra em cena quando um indivíduo não aprende uma determinada lição, pois as coisas vão muito bem. Quando se está no topo do mundo e fechado para ouvir a Deus, o sofrimento traz uma mensagem de humildade, exatamente porque é uma experiência constrangedora.

Contudo, o Talmud não sugere, nem eu, que Rabi Eliezer precisava aprender sobre humildade. Tudo o que ele precisava ouvir era que havia uma mensagem no sofrimento e que ele deveria perguntar a Deus que mensagem era essa. Rabi Akiva estava simplesmente apresentando um conceito:

- \* O sofrimento tem um propósito.
- \* Quando Menashê sofreu, ele aprendeu uma lição que precisava aprender, que para ele foi a humildade.
- \* A lição pelo sofrimento é o que a torna preciosa.
- \* Rabi Eliezer tinha a obrigação de voltar-se para dentro de si mesmo e descobrir o que Deus estava tentando lhe dizer por meio desse sofrimento.

Todos nós estamos familiarizados com pessoas como Menashê, pessoas com pais inteligentes, mas que nunca adquiriram sabedoria por si mesmas. Eles são filhos que têm de tudo – e por isso não admiram nada.

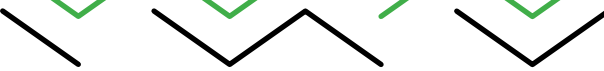
Eu conheço um jovem que cresceu com um pai que era extremamente bem-sucedido, um *self-made man* (um homem que se fez sozinho). O pai, que trabalhara por muitas horas desde a sua juventude e construíra um negócio de muitos milhões de dólares, não queria que seu filho sofresse as mesmas carências que ele suportara. Ao se lembrar como ele andava e pegava ônibus todos os dias, o pai deu ao seu filho, no seu 16º aniversário, um carro – e não era um carro qualquer, mas um Jaguar “top” de linha. O que se seguiu depois disso infelizmente é muito comum: faltar às aulas no colégio para passeios a lazer, exibir-se para os amigos em todo lugar com o seu carro (o que deixava pouco tempo para os deveres de casa), o aborrecimento com as aulas, que não se comparavam à excitação das suas “excursões bancadas pelo cartão de crédito”. Não demorou muito para que o filho se envolvesse em problemas com a lei. Eis a história de Menashê se repetindo. Não é fácil se tornar um rei aos 12 anos, com o mundo aos seus pés e sem ninguém que ouse lhe contradizer. Como você aprende a ser humilde?

Menashê aprendeu isso no cativo, e o mesmo aconteceu com o jovem. Ele precisou ser preso e passar alguns dias na cadeia para ser chacoalhado. O jovem percebeu que havia situações nas quais nem mesmo o dinheiro do seu pai poderia salvá-lo. Custou um pouco de sofrimento na juventude para ensinar uma lição pela qual esse jovem algum dia será imensamente grato.

Há muitos exemplos atuais que me vêm à mente. Há pessoas que estão sentadas no topo do mundo, que esqueceram tudo – seus amigos, de onde elas vieram, que Deus dirige o mundo. Elas esquecem que também são humanas. Nós conhecemos pessoas assim, e algumas vezes desejamos que algo lhes aconteça para colocá-las um pouquinho no seu devido lugar.

Então o sofrimento – de acordo com esta ideia, que é somente uma de várias abordagens que devemos ter em mente – cumpre esse papel. Ele serve como uma vivência educativa enviada por Deus para trazer a pessoa de volta a uma realidade com a qual ela perdeu contato quando as coisas iam bem demais.

Na Bíblia temos a história recorrente de Amalêc e seu povo, a quintessência da perversa nação de antissemitas, cuja existência parece sempre lembrar os



israelitas quem eles são e quem é Deus. Amalêc sempre surge na cena quando os israelitas se afastam da sua aliança com Deus, esquecem qual deve ser a sua missão neste mundo e começam a disputar entre si.

A Bíblia ensina que Amalêc – e o sofrimento que ele infligiu – existiu a fim de ajudar Deus a solucionar um problema. Sempre que Amalêc atacou, os judeus lembraram-se de Deus e se uniram para combater um inimigo comum. O Talmud<sup>51</sup> diz que 48 profetas e 7 profetisas – alertando a nação para se arrepender e rezar para Deus – foram incapazes de realizar o que 1 Hamán (um descendente de Amalêc que pretendia assassinar todos os judeus) estava preparado para fazer em uma noite. Todos esses profetas estavam ali, dedicando suas vidas a pregar a destruição: “Por favor, judeus, ouçam e sejam bons, sejam bons, sejam bons!” De nada adiantou. Mas, uma vez que Hamán representou a ameaça do extermínio, de repente o povo judeu, com um fervor incomum, mergulhou profundamente em oração.

C.S. Lewis afirmou: “A dor é o megafone de Deus para acordar um mundo surdo.” Quando tivermos fé o bastante para acreditar que Deus está falando conosco por meio da nossa dor, seremos sábios o bastante para compreender a mensagem; e o nosso sofrimento, agora imbuído de sentido, será muito mais fácil de suportar.

## **O PRINCÍPIO DA EXPIAÇÃO**

Passemos agora para outra ideia fascinante oferecida pelos Sábios. A fim de compreendermos este princípio, examinaremos uma outra história do Talmud.<sup>52</sup>

Rabi Abáhu está cuidando do seu pai, que sofre o desgaste da velhice, possivelmente consequência de um ataque cardíaco. O pai de Rabi Abáhu pede-lhe um copo de água, e, como um filho obediente, ele parte prontamente para buscar. Mas, quando retorna com a água, encontra seu pai adormecido. Então, parado diante deste, ele tem dúvidas sobre o que fazer. Seu pai poderia se levantar a qualquer momento e querer a água; Abáhu não queria que ele

tivesse que lhe pedir novamente. Enquanto permanece ali, sem saber se deve esperar ou partir, sua mente repentinamente foca numa passagem do livro de Salmos. Ele pensa sobre o seu significado e descobre um novo sentido em suas palavras. Rabi Abáhu nunca compreendera a verdadeira ideia do Salmo 79 até aquele momento, mas agora via a conexão entre o sofrimento do seu pai e uma parte obscura da passagem.

O Salmo 79 começa assim:

*“Ó Deus, as nações... profanaram o Teu sagrado santuário; elas converteram Jerusalém em montes de escombros.”*

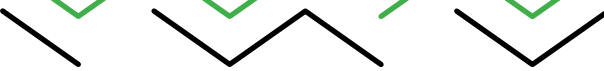
É um salmo extremamente triste escrito por Assáf, que descreve a destruição do Templo. Diferente de muitos dos salmos, que são inspirados na natureza e são denominados “canções de ascensão”, esse salmo é pesaroso. No entanto, se você pegar qualquer livro de Salmos, encontrará uma *canção (mizmor)* de Assáf. Era isso o que incomodava Rabi Abáhu. Por que uma canção? Uma canção é, por natureza, alegre e edificante. Este é um poema sobre uma tragédia; por que então não foi chamado de lamentação?

E então lhe veio à mente que o compositor, Assáf, viu algo de positivo a respeito da destruição do Templo, há muito considerado a pior tragédia que já recaiu sobre o povo judeu. Mas como isso poderia ser algo positivo? Bem, pensou Rabi Abáhu, como Deus estava irado com as transgressões do Seu povo, Ele optou por destruir um edifício de pedra e madeira quando Ele bem que poderia, facilmente, ter destruído, em vez disso, a nação israelita. Isso deu tanto consolo a Assáf que ele nomeou a sua composição de “canção” e não de “lamentação”.

Assim que essa reflexão reluziu em sua mente, Rabi Abáhu relacionou-a a uma passagem do livro de Lamentações<sup>53</sup> que fala do pesar do povo judeu por causa da destruição do Templo: “O Eterno fez passar a Sua fúria; Ele derramou a Sua ardente ira; e Ele acendeu fogo em Tsión que consumiu a Sua fundação.”

Isto também sugere que aconteceu uma coisa boa. Há um aspecto positivo na destruição do Templo. É verdade que os inimigos dos israelitas





vieram e destruíram o seu santuário mais sagrado, o símbolo da sua relação singular com Deus; mas poderia ter sido pior. "O Eterno fez passar a Sua fúria." Ao permitir que isso ocorresse, Deus considerou como encerrada a necessidade da ira; o pagamento pelo pecado estava feito, e agora poderia se considerar que havia sido feita justiça. O povo judeu podia continuar a viver.

Contudo, não nos esqueçamos de que Rabi Abáhu estava fazendo essas reflexões enquanto permanecia com um copo de água diante do seu velho pai. Ele observava as consequências de um ataque cardíaco no rosto do seu pai; ele estudava o modo como o sofrimento minara um ser humano outrora vibrante.

Rabi Abáhu pensava: *Por que isso aconteceu? Como pode ser?* E então percebeu que também isso é uma forma de expiação. Pode ser que, assim como um templo de pedra e madeira fora arrasado, do mesmo modo um corpo mortal de carne e osso fora afligido. No entanto, o ser humano ainda permanece vivo; ele foi poupado. Poderia ter sido pior.

Há um famoso ditado ídiche que diz: "*Oy, zol zein a capúre!*" (Que isto seja por expiação!). Pode ser que estivesse reservado algo pior, mas felizmente essa coisa ainda mais terrível não aconteceu.

Antigamente essa expressão era usada quando as pessoas sobreviviam a uma experiência horrível: alguém teve um ataque cardíaco; uma pessoa sofreu uma perda financeira severa. Dizia-se: "Que isto seja para expiação." Que com isso ele tenha saldado suas dívidas e agora possa começar novamente do zero.

Tenho visto pessoas passando por ciclos como este. Tudo sai errado e parece que eles estão vivendo em uma área de desastres. Então de repente ocorre uma reviravolta e as coisas passam a dar certo novamente. Então se imagina: pode ser que aquilo tenha sido uma expiação, que agora está completa.

Eu conheço um homem cujo filho estava gravemente enfermo. O prognóstico era grave. Então, como que para aumentar o seu sofrimento, ocorreu a quebra da bolsa de valores (isto foi em 1987) e ele perdeu uma fortuna. Contudo, imediatamente depois disso seu filho se recuperou, para a

enorme surpresa dos médicos. A sua perda financeira foi uma óbvia expiação, uma *capará*, por algo que poderia ter sido uma perda muito maior.

Esta é a essência do princípio da expiação. Uma vez que você tem que pagar suas dívidas de um modo ou de outro, então talvez alguns dos modos pelos quais você as paga – e que podem parecer aparentemente muito cruéis – podem ser encarados como algo que serve ao propósito da compensação por erros cometidos.

Por isso, quando uma pessoa perde o seu emprego ou fica doente – só Deus sabe por quê –, isto pode estar compensando alguma falha. Nós, em geral, perdemos de vista o que ainda temos quando sofremos uma perda ou vivenciamos um “ato de Deus” aparentemente terrível. E talvez a razão pela qual ainda tenhamos permissão, pelas escalas Divinas da justiça, de manter nossas bênçãos é que pagamos por elas com a moeda do sofrimento.

## **CAPÍTULO 13**

# **NÃO É DESTE MUNDO**

Naturalmente, ainda há mais. Nenhuma das explicações individuais pretende solucionar todas as nossas vivências semelhantes às de Jó. Contudo, cada uma delas se aplica a uma situação e para algumas pessoas.

As respostas que iremos levar em conta neste capítulo têm uma coisa interessante em comum. Para a compreensão delas, é necessária a crença em – ou pelo menos um reconhecimento de – outra dimensão, um universo espiritual que existe, mesmo que sejamos incapazes de visualizá-lo, paralelamente ao universo que conhecemos: o assim denominado *Olam Habá*, o próximo mundo ou o mundo vindouro.

Eu coloco a primeira das respostas nesta categoria de “princípio do intercâmbio”. Esse princípio declara que é melhor você ser punido por suas transgressões neste mundo e recompensado por suas boas ações no mundo vindouro.





O Talmud<sup>54</sup> ilustra esta ideia ao recontar um notável incidente:

Novamente o nosso amigo Rabi Eliezer está doente, mas desta vez são seus alunos que vêm visitar. Ele lhes diz: “Há uma ira feroz no mundo.” E eles se derramam em lágrimas. Mas justamente nesse momento o legendário Rabi Akiva entra e começa a sorrir.

“Por que você sorri?” – eles o indagam.

“Por que vocês lamentam?” – ele responde, no modo tipicamente judaico de responder a uma pergunta com outra pergunta.

“Este homem santo está morrendo. Nós não deveríamos lamentar?”

“É por essa mesma razão que eu me regozijo. Eu pensava que ele havia recebido todas as suas recompensas neste mundo, nada deixando para o próximo. Mas agora que eu o vejo com dor, alegro-me em saber que a sua recompensa lhe foi acumulada para o mundo vindouro.”

Então Rabi Eliezer pergunta: “Akiva, eu não entendo por que isso está acontecendo comigo. O que será que eu fiz de errado?”

E Rabi Akiva responde: “Você mesmo nos ensinou que não há um único homem sobre a Terra que só faz o bem e não comete pecados.”

Essa história está plena de significado. Rabi Eliezer sofre de uma enfermidade. Ele tenta entender por que isso está acontecendo com ele, e a única coisa que lhe ocorre como uma explicação é que há uma ira feroz no mundo. Ele parece dizer que o motivo para isso é que o resto do mundo merece o castigo de Deus e que ele simplesmente foi pego em meio à tempestade da ira Divina.

Mas Rabi Akiva mostra que isso não pode ser verdade: “Você, Rabi Eliezer, não pode ser completamente bom, assim como o resto do mundo não pode ser completamente ruim. A realidade do mundo é mais profunda.”

Eu devo concordar. Tenho visto toda espécie de combinações estranhas entre as pessoas. Eu já vi seres humanos desprezíveis e, para ser honesto, preciso dizer que até mesmo eles tinham virtudes. Um conhecido meu é um

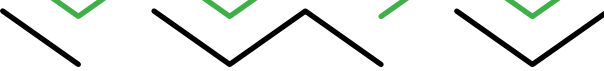
terror nos negócios. Seus empregados se encolhem diante dele, derramam lágrimas e se queixam de que ele lhes causa úlceras. Mas em casa ele é um marido paciente e um pai dedicado. A casa e o local de trabalho são literalmente mundos diferentes para ele: em casa ele é um santo; no trabalho, um monstro.

Nós temos no livro de Deuteronômio a confirmação desta visão de que ninguém é totalmente bom ou totalmente ruim:<sup>55</sup> “Mas Ele (Deus) paga aos que O odeiam diante das suas faces, fazendo-os perecer; não tardará aos que O odeiam, que diante das suas faces (Ele) os pagará.” Até mesmo os inimigos de Deus merecem pagamento. Não, não punição, mas pagamento – a palavra bíblica para *recompensa*! Por quê? Porque é simplesmente inconcebível que até mesmo aqueles que consideramos maus não tenham pelo menos algumas virtudes redentoras, alguns momentos em que executaram atos de bondade. Eles também devem ser *pagos* por suas boas ações. A única coisa que Deus opta por fazer de diferente com eles é alterar o prazo para a recompensa e para a punição.

Qualquer recompensa que um homem mau deve supostamente receber por ter sido ocasionalmente bom, ele receberá “diante da sua face”, quer dizer, durante a sua vida neste mundo. O fato de os maus prosperarem, de acordo com esta análise, não é um problema, mas, sim, uma solução. É um modo de fazer com que as pessoas más sejam recompensadas por seus bons comportamentos aqui, em vez de no mundo vindouro, onde receberão apenas punição.

Por outro lado, para as pessoas boas o sistema opera exatamente na ordem oposta. Para quaisquer pecados que estas possam ter cometido – “não há sobre a Terra alguém tão correto que só faça o bem” –, elas sofrem aqui na Terra. Isso é o que as suas almas preferem, de modo que possam ir para o mundo vindouro sem qualquer mancha. As recompensas dos céus são muito melhores do que suas punições; a dor na Terra é muito melhor do que seus prazeres fúteis.

Na verdade, é por isso que Rabi Akiva diz: “Eu costumava ficar preocupado com você, meu mestre. Eu via que tudo lhe ia bem. Nada de ruim jamais lhe aconteceu. Então eu temia que todo o mal iria lhe acontecer ali (no mundo



vindouro). Mas, agora que eu vejo você receber uma dose de sofrimento, eu digo: graças a Deus.”

O conceito de intercâmbio sustenta que vai tudo bem com os maus na Terra porque eles estão usufruindo da “conta bancária” deles aqui por tudo de bom que fizeram. Enquanto isso, na outra dimensão, é mantida uma conta de débito relativa às suas más ações, e no local do julgamento eterno eles terão que pagá-la. Por outro lado, as pessoas boas sofrem na Terra porque elas pagam por suas falhas à medida que vivem, e acumulam os méritos das suas boas ações no mundo vindouro.

Em outras palavras, se você não receber isso aqui, receberá ali.

Os maus recebem a recompensa aqui porque serão punidos no outro mundo. Para os bons ocorrerá justamente o contrário. Na verdade, se uma pessoa boa parece estar recebendo recompensas demais aqui, então ela deve se preocupar. Isso é exatamente o que Rabi Akiva pensava: *Ai meu Deus, meu mestre está vivendo bem demais*. Ele estava preocupado porque compreendia esse princípio do intercâmbio.

Há sutilezas no tocante a esse tema que esclarecerão mais adiante o local apropriado para a recompensa – se Deus opta por reembolsar pelo desempenho das boas ações aqui e agora ou no mundo vindouro. Por exemplo, digamos que temos uma pessoa boa que tenta cumprir o mandamento de fazer caridade, mas ele não faz isso de coração aberto. Ele não está sendo realmente sincero; só está interessado no reconhecimento que uma doação para caridade lhe trará. Ele quer uma grande placa na porta. Deus recompensa esse tipo de falsa boa ação – uma ação carente de verdade – em um mundo que carece de verdade, com pagamentos que carecem de verdade. Então, sim, a pessoa recebe o seu reconhecimento, a recompensa, a placa na porta. E é tudo. Enquanto isso, a pessoa que doa de coração puro, não esperando nada, doa de verdade. E é por isso que a sua recompensa estará no mundo da verdade, no mundo vindouro.

O que é mais importante é que Deus sabe quem é quem. Ele olha dentro da alma de cada ser humano, e Ele sabe quem saberá valorizar cada tipo de recompensa. Deus não apenas reembolsa atos de bondade e castiga atos de

transgressão; Ele escolhe até mesmo o local para a recompensa ou castigo, conforme os nossos próprios desejos espirituais.

Há uma lei na Bíblia<sup>56</sup> que diz que você deve pagar o salário ao trabalhador imediatamente após ele completar a sua tarefa.

Há apenas uma exceção: se ele não quiser ser pago imediatamente por entender que, se adiar o pagamento, a sua recompensa será maior. Do mesmo modo, Deus também paga de acordo com o desejo dos Seus “trabalhadores”; o entendimento da pessoa determina o método de pagamento da parte de Deus. O homem mau – por ver apenas o que está diante dele – prefere receber a sua recompensa aqui e agora, e é isso o que Deus faz por ele. O homem íntegro prefere não a receber aqui, e Deus também o atende.

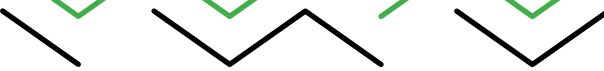
## EXCEÇÕES AO PRINCÍPIO DO INTERCÂMBIO

Mas se as coisas só funcionassem assim, nós suspeitaríamos que qualquer um que vivesse confortavelmente seria uma pessoa má! Por isso Maimônides esclareceu que há exceções à regra.

No Livro de Deuteronômio<sup>57</sup> encontramos uma passagem sugerindo fortemente que a recompensa para as pessoas boas que obedecem às ordens de Deus de fato vem nesta Terra:

*“E se obedeceres aos Meus mandamentos que hoje vos ordeno – de amar ao Eterno, vosso Deus, e servi-Lo com todo o vosso coração e com toda a vossa alma – então (Eu, o Eterno) darei chuva à tua terra a seu tempo, a chuva precoce e a chuva tardia; e colherás o teu grão, o teu mosto e o teu azeite. E darei erva no teu campo para teus animais; e comerás e te fartarás.”*

Maimônides esclarece que nessa passagem Deus não está falando de recompensa, mas de sustento. Ao obedecer às ordens de Deus, uma pessoa boa será sustentada e mantida a fim de continuar as suas boas obras porque ele é um parceiro de Deus na realização das coisas por Ele desejadas. Em outras palavras, Deus irá *usá-lo* em vez de *recompensá-lo*.



Tomemos por exemplo uma pessoa que se ocupa da boa obra de saciar a fome do mundo. Essa pessoa é parceira de Deus, e por isso Deus cuida dela. É como se Deus estivesse dizendo a uma pessoa boa: “Mantenha a boa obra. Eu enviarei os fundos e tudo o mais que você precisar, porque você a está administrando bem.” Quando uma pessoa faz um bom trabalho, Deus lhe envia coisas periodicamente com o intuito de preservar uma parceria mutuamente benéfica.

Isso explica, de acordo com Maimônides, por que as pessoas boas às vezes são prósperas e têm dinheiro: é porque Deus percebe que elas administram corretamente o seu patrimônio. A riqueza destas não é tanto a sua recompensa, mas, sim, algo colocado sob seus cuidados para salvaguarda e redistribuição.

Mas Maimônides também nos dá outra razão para explicar aquilo que nós agora (notavelmente) consideramos um problema: o *sucesso* dos íntegros. Ele mostra que os Dez Mandamentos foram entregues em duas tábuas de pedra porque representam duas categorias de lei: a primeira contém leis que governam o relacionamento entre o homem e Deus; a segunda resume leis que governam o relacionamento entre o homem e seu semelhante. Maimônides considera muito interessante o fato de o sistema de recompensa e punição de Deus diferir desse modo.

Os mandamentos que os indivíduos respeitam ou violam em relação a Deus estão relacionados ao céu, por assim dizer, e são recompensados no mundo vindouro. Os demais mandamentos, que tratam das nossas interações com as pessoas, são recompensados neste mundo e no mundo vindouro. O Talmud<sup>58</sup> declara: “Estas são as coisas pelas quais um homem come os frutos neste mundo, mas cujo principal permanece intacto para ele no mundo vindouro, e estas são: honrar pai e mãe, praticar a beneficência, comparecer cedo à casa de estudos pela manhã e à noite, dar hospitalidade aos forasteiros, visitar os doentes, prover [os bens necessários] para uma noiva, acompanhar um féretro, aprofundar-se na oração, propagar pela paz entre os homens.”

A terminologia aqui é muito interessante – note a metáfora dos frutos. Imagine uma árvore frutífera. Imagine uma macieira carregada de maçãs. O seu fruto é apenas uma parte da árvore, mas a árvore é muito mais do que o

seu fruto. De fato, a macieira tem a capacidade de produzir maçãs regularmente de ano em ano, e de produzir centenas, milhares delas.

Este mundo é somente a *primeira* recompensa, assim como o fruto é o produto de uma árvore cujas raízes carregam dentro de si o poder de produzir muito mais. Se você ajudar as pessoas aqui, medida por medida, deverá também haver alguma recompensa por aqui. Contudo, isso é apenas uma expressão menor de uma recompensa imensamente maior à sua espera – uma raiz que produzirá continuamente no mundo vindouro.

Agora tomemos um exemplo da vida real e apliquemos esse princípio. Sara visita os doentes, honra os seus pais, doa em caridade. As suas boas ações serão recompensadas aqui, de acordo com o princípio de medida por medida, sobre o qual discutimos no capítulo 2 – porque ela está aperfeiçoando este mundo. Ela verá os frutos da sua bondade.

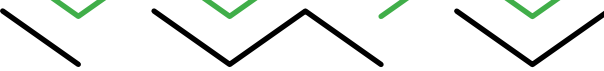
Mas Sara também é parceira de Deus em algumas das suas boas obras. Ela ajuda Deus a fazer essas coisas que Ele deseja que aconteçam neste mundo. Por causa disso, Deus a ajuda a continuar concedendo a ela saúde e os meios para seguir adiante. Naturalmente, mais tarde, no mundo vindouro, ela pode esperar uma recompensa muito mais agradável e farta.

## O PRINCÍPIO DA VALORIZAÇÃO

Sigamos agora para o segundo princípio deste capítulo. Este tem sua fonte na história do Jardim de Éden. Ali, o primeiro homem e a primeira mulher viviam uma vida confortável, tranquila e... bem... era simplesmente o paraíso. Mas como crianças que têm tudo e, por isso, não gostam de nada, Adão e Eva não percebiam tudo de bom que tinham. Assim, com o seu livre-arbítrio, eles fizeram uma escolha consciente de desobedecer a Deus e foram forçados a deixar o Jardim de Éden. Essa saída veio acompanhada de um modo de vida árduo: “Com o suor do teu rosto comerás pão”,<sup>59</sup> Deus falou para Adão; “Com dor darás à luz filhos”,<sup>60</sup> Deus disse a Eva.







Agora todo o objetivo da vida na Terra transformou-se em descobrir um meio de retornar ao lugar do qual eles foram expulsos. É como se Deus tivesse dito: “Certo, a primeira vez vocês tiveram isso com facilidade, mas não souberam apreciar; agora vocês terão que conquistar isso.”

Idealmente, um ser humano deveria ter tudo prontamente acessível. A vida deveria ser tão fácil que, sempre que quisesse, você poderia arrancar uma fruta da árvore e comer. E você deveria poder ter filhos sem dor, e tudo o que você desejasse deveria vir a você num estalar de dedos. Era para ser assim – mas Adão e Eva fizeram a escolha deles, e nós estamos presos a isso. Contudo, há um lado positivo na dor e no sofrimento que vem com as ações durante a vida. Com o trabalho duro com que adquirimos o que necessitamos vem uma capacidade de valorização e de entendimento – de fato, a compreensão de todas as coisas boas e más.

E para adquirir aquele conhecimento especial, para alcançar aquele lugar especial, nós temos que batalhar.

Ao expor essa ideia, o Talmud <sup>61</sup> nos oferece esta notável declaração: “Há três coisas que só podem ser adquiridas por meio de sofrimento: a compreensão da Torá, a Terra de Israel e o mundo vindouro.”

Primeiro é preciso trabalhar para aprender as lições da Bíblia. E isto não nos vem dado em uma travessa de prata; até mesmo Moisés teve que fazer isso. Ele recebeu os Dez Mandamentos diretamente de Deus, mas ele os quebrou; e então teve que cinzelar todo um segundo conjunto por si mesmo. Todo ser humano precisa “cinzelar” o sentido da vida por si mesmo; toda pessoa precisa estudar a Bíblia para aprender o que Deus quer dela.

A segunda coisa que só pode ser adquirida com dificuldade é a Terra de Israel. A Terra Prometida não pode ser conquistada simplesmente por meio de uma promessa; é exigido o esforço humano. A redenção não é simplesmente um presente; deve-se lutar por ela e conquistá-la. E o único modo de conseguir isso é por meio do esforço, lutar por isso. E por quê? Porque só quando você trabalhar pela terra é que você irá de fato valorizá-la.

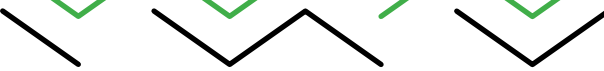
A terceira coisa da série – o *olam habá*, o mundo vindouro – pode ser compreendida de dois modos: pode representar o próximo mundo, para onde iremos quando morrermos, e também pode indicar à Era Messiânica, quando haverá paz na Terra, e “o leão se deitará ao lado do cordeiro”.<sup>62</sup> Ambos, o mundo vindouro e a próxima era, exigem algo de nós. Eles não são promessas Divinas incondicionais, mas fazem parte de um pacto. A nossa parte do acordo é esforçar-se ao máximo; a parte de Deus da promessa é que os nossos esforços demonstrarão ser frutíferos. Mas novamente, se Deus fosse fazer tudo isso por nós, sem “o suor do nosso rosto”, nós de fato jamais apreciaríamos isso – assim como nós não tivemos o bom senso de apreciar o paraíso.

Há ainda outra história no Talmud que ensina este conceito.<sup>63</sup> À primeira vista soa como um conto de fadas para crianças, pois diz que quando você está no útero, um anjo vive ali com você e lhe ensina tudo o que você quiser saber sobre a vida – toda a Torá. Mas, justamente quando você está pronto para nascer, o anjo lhe toca acima dos lábios – é por isso que você tem uma covinha ali – e você esquece tudo o que aprendeu.

Agora, que tipo de história é esta? Por que lhe seriam ensinados todos os segredos da vida, somente para lhe fazer esquecê-los?

Do seu modo singular, o Talmud destaca que nada lhe é dado; para tudo é necessário lutar. Mas isso não significa, afinal de contas, que um combate assim tão duro será à toa. Quando você luta para alcançar algo, você não precisa aprender isso a partir do zero; basta lembrá-lo. Contudo, você precisa lutar por si mesmo a fim de valorizar o que você conquistou. Assim como o Moisés de antigamente, você precisa esculpir nas tábuas, por assim dizer, por meio do seu próprio esforço. Então tudo o que aprender você guardará como a obra das suas próprias mãos, o produto do seu próprio trabalho.

Eu continuo usando exemplos simples, mas todos tocam em um ponto. Os cozinheiros que fizeram algo “do nada” sentem-se muito mais orgulhosos da sua realização do que se o fizessem a partir de uma mistura comprada em uma loja. Os jardineiros de fim de semana ficam orgulhosos ao apontarem para a sua plantação de tomates e afirmarem: “Eu cultivei aquele tomate.” Para



eles, possivelmente não há em lugar algum do mundo tomate mais saboroso. Eles também precisaram de um pouquinho de Deus, mas o tomate *é deles*. Que sentimento de realização, simplesmente porque eles puseram o suor deles nisso! Preste atenção nesta frase: eles puseram “o suor deles nisso”. Ecoa a frase de Gênesis: “Com o suor do teu rosto comerás pão”.

No Jardim do Éden tudo crescia por si mesmo. Era tudo, como diz a expressão, “sem suor”. Mas sem suor jamais poderia haver um jardineiro capaz de dizer: “Eu cultivei isso sozinho. Este é o meu tomate!”

E isso funciona para tudo o que adquirimos por meio de trabalho duro. Você não pode apreciar nada de fato se não trabalhou para isso nem adquiriu algo por meio de seu próprio esforço. Só então você poderá dizer: “Isto é meu. Esta é a minha ideia. A minha terra. O meu lugar no mundo vindouro.”

Então é por isso que toda a história humana, desde Adão e Eva, ocorreu fora do Jardim do Éden. Somente quando não estávamos mais no paraíso é que nos tornamos capazes de construir um – e apreciá-lo quando finalmente o adquirimos.

## **CAPÍTULO 14**

# **A PUNIÇÃO DE MOISÉS**

Nas palavras da Bíblia, Moisés foi o maior de todos os profetas que já existiu em todos os tempos. A Torá encerra com um testemunho à sua estatura:

*“E jamais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Eterno aparecera cara a cara, no tocante a todos os sinais e os milagres que o Eterno o enviara a fazer na terra do Egito, ao Faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra, e no tocante a toda a mão forte e a todos os grandes milagres no temível deserto, que Moisés fizera aos olhos de todo o Israel.”*<sup>64</sup>

E apesar disso...

Esse mesmo indivíduo incrível teve negada a sua entrada na Terra Prometida. Moisés dedicou a vida inteira a esse empreendimento; enfrentou 40

anos de trabalho árduo e de conflitos no deserto enquanto liderava os teimosos israelitas, que para ele eram uma fonte constante de estresse e de problemas. E então, justamente quando os levou à fronteira conforme as ordens de Deus, foi-lhe dito: “Você não merece realizar o sonho da sua vida.”

Moisés suplica a Deus, que só cede o suficiente para lhe permitir ver a Terra Prometida de longe.

Ao olharmos para isso superficialmente, parece um castigo cruel e extremo.

Por que Deus trataria Moisés com tanta severidade? Como Deus poderia negar ao maior líder do povo judeu o direito de completar a sua missão?

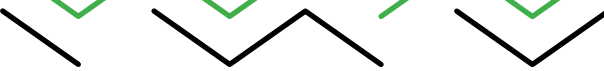
A resposta da tradição judaica é que, mesmo que Moisés tenha sido grandioso, ainda assim ele transgrediu contra Deus. Foi-lhe dito para falar com uma rocha da qual fluiria água. Em vez disso, ao reagir com frustração devido às queixas constantes dos israelitas, ele bateu na rocha com o seu cajado. Ao bater em vez de falar, ele não cumpriu literalmente o mandamento de Deus!

Será que isso pode ter sido motivo para um castigo tão severo? Afinal de contas, ele bateu numa rocha, não em um ser humano; não feriu ninguém. Qual foi o grande problema?

A resposta dos rabinos é muito instrutiva: pode não ter sido um grande problema em termos do pecado, mas foi um grande problema no que diz respeito ao pecador.

Os franceses têm um termo para isso: *noblesse oblige*, literalmente “a nobreza obriga”; significa que ter um comportamento honrado, acima e além do que é esperado do cidadão comum, é uma obrigação das pessoas nascidas em famílias importantes ou que ocupam um cargo elevado.

A maior parte do mundo provavelmente diria o contrário – quanto mais alto você vai, mais está acima da lei, pode ignorar as regras, escapar de certas situações. Mas, de acordo com a Bíblia, quanto mais alto você vai, mais se espera de você, por duas razões: você deve ter mais ciência das coisas, e supõe-se que seja um exemplo para os demais.



Quando alguém como Moisés se descontrola emocionalmente e golpeia a rocha, ele desempenha um papel muito pobre: imagine o impacto naqueles que testemunharam esse ocorrido. Como líder, Moisés não tem permissão para o mesmo tipo de falhas que nós. Para ele, o padrão simplesmente não é um grau intermediário; Moisés precisa alcançar uma marca perfeita.

Como dele se espera mais e melhor, suas ações são julgadas por um padrão diferente.

Isto nos conduz a outro conceito pelo qual podemos compreender melhor alguns casos de sofrimento humano. Eu chamo isso de “princípio de quem somos nós”.

Este afirma simplesmente que o sofrimento que as pessoas suportam a fim de pagar por suas transgressões é estabelecido de acordo com o seu momento de vida. Quanto mais merecedor você é, quanto mais elevado é o nível espiritual a que você aspira, mais você é examinado por Deus e mais elevado é o padrão pelo qual suas ações são julgadas.

Há uma expressão em hebraico: *tsadikim medacdec imahem kechut hasseará*, que significa literalmente: “Os justos, (Deus) os examina como (ao detalhe de) um fio de cabelo.”

## O INEXPLICÁVEL

Agora que nós cobrimos toda uma coleção de reflexões a respeito dos motivos pelos quais as pessoas sofrem, devemos examinar ainda mais uma declaração talmúdica que parece contrariar tudo o que consideramos. Esta é encontrada na *Ética dos Pais*.<sup>65</sup> Lemos aqui a seguinte declaração em nome de Rabi Ianai: “Não está em nossas mãos compreender por que os maus ficam à vontade ou por que os bons sofrem.”

Esta é, de fato, uma declaração enigmática. Será que Rabi Ianai ignora todas as explicações encontradas no Talmud que lidam com essa mesma dificuldade? Ele considera erradas todas aquelas reflexões? Será que ele está dizendo que não há como solucionar o problema?

Não.

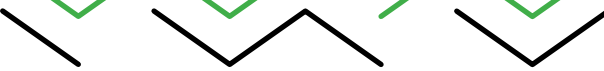
Mas, antes que eu explique, permita-me lhe contar um pouco mais a respeito de Rabi Ianai, para que possamos compreender melhor a sua linha de raciocínio.

Eis um homem que, no seu testamento, especificou que não queria ser enterrado com roupas totalmente pretas nem totalmente brancas. Ele se recordava, obviamente, de uma tradição segundo a qual, na hora da redenção final e da ressurreição dos mortos, estes ressurgirão nas roupas com as quais foram enterrados – metaforicamente, os bons ressurgirão em roupas brancas e os maus, vestidos de preto. Obviamente, todos queriam ser enterrados com roupas brancas a fim de ressurgirem entre os bons.

Mas Rabi Ianai não queria dizer de si mesmo que era totalmente íntegro; ele sabia que não era perfeito. Pela mesma razão, ele tampouco faria um julgamento desse tipo a respeito das outras pessoas.

Comentaristas talmúdicos indicam que as palavras de Rabi Ianai têm vários significados; a sua declaração é mais enigmática do que poderia parecer à primeira vista. Por que ele diz, “não está em nossas mãos compreender”, quando poderia ter dito mais claramente “não temos o poder de compreender”? Evidentemente, Rabi Ianai pretendia especificar que esses enigmas são abstratos – eles não são coisas que podemos segurar com as nossas mãos, revirá-los e examiná-los à vontade. Mais adiante, por que ele diz “Os maus ficam à vontade”, quando poderia ter dito “Os maus prosperam”? Novamente, ele não recorre ao material, à realidade visível da vida. Ele está falando dos bens incorpóreos da vida – como ficar à vontade, em paz. *Aquilo* que ele quis nos dizer está além da nossa capacidade de compreender.

Será que um dia seremos capazes de entender as vidas dos Kennedys, que com toda a sua riqueza não puderam comprar felicidade? Será que compreenderemos as vidas das várias Marilyn Monroes, que apesar da sua fama não puderam comprar paz de espírito? Nós temos aprendido frequentemente que a prosperidade material não garante satisfação; alcançar o topo do mundo não traz consigo a felicidade automática. Sim, entender isso está além da



nossa compreensão. “Não está em nossas mãos.” Rabi Ianai acrescentou um componente poderoso a tudo o que discutimos até aqui. Ele nos pede para olharmos além dos modos superficiais por meio dos quais consideramos o sucesso – modos que nos fazem questionar a administração do mundo por parte de Deus porque, aos nossos olhos, os maus estão “prosperando” e os justos estão “sofrendo”. Inclua na balança do julgamento a resposta psicológica e mental das reações das pessoas com relação ao que lhes cabe e você chegará a uma conclusão inteiramente diferente. Os miseráveis podem ter paz de espírito; os príncipes podem viver suas vidas em tensão e ansiedade. Pergunte quem de fato está melhor e a resposta será exatamente o que Rabi Ianai diz: “Não está em nossas mãos compreender!”

## **APENAS A FÉ TEM A RESPOSTA**

O que Rabi Ianai também pode estar tentando nos ensinar é que essa pergunta é de uma magnitude tão enorme que não temos o poder *de explicar completamente* os motivos pelos quais os íntegros sofrem e os maus prosperam.

No fim das contas, Rabi Ianai nos adverte que este é um tema que devemos abordar com uma certa dose de humildade intelectual e espiritual. Nós não poderemos solucionar todos os enigmas. Quando Jó foi incapaz de compreender por que aquelas coisas terríveis lhe haviam ocorrido, Deus finalmente lhe falou: “Está além de ti entender os Meus modos.”

Se você já tentou alguma vez explicar uma complicada lei da física para uma criança a quem falta a capacidade racional necessária para captar conceitos básicos, você então pode imaginar a situação em que Deus Se encontra: Ele simplesmente não pode explicar a Teoria da Relatividade de Einstein para crianças do jardim de infância.

Se nós temos tanta dificuldade para esclarecer ideias difíceis para crianças, maior ainda é a impossibilidade de Deus de elucidar conceitos complexos para nós, dada a distância entre as compreensões humana e Divina, próxima à medida do infinito.

Isso também consta da inteligente advertência de Rabi Ianai: "Não está em *nossas* mãos." Afinal de contas, nós ainda somos apenas seres humanos. Nossos julgamentos são falíveis.

Portanto, a linha de base é que, com todas as nossas respostas, nós ainda precisamos da fé para podermos manter nossas convicções.

Bem, então você perguntará: "Se é assim, por que nos incomodamos em discutir todas as demais respostas? Para que interessa encontrar razões quando o que nos resta ainda é a fé? Se concordarmos com Rabi Ianai de que a enormidade do problema está além de nós, por que todos os demais rabinos não jogam a toalha e desistem da sua busca pelo sentido de tudo isso?"

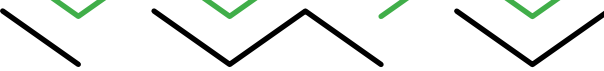
A resposta deveria ser óbvia:

Há uma diferença entre fé cega e fé racional. Rabi Ianai não discordou fundamentalmente de todos os demais sábios talmúdicos que o precederam. Ele não estava tentando criticar todos os rabinos que haviam oferecido conclusões brilhantes ao quebra-cabeça teológico da aparente injustiça de Deus. Para ele, estava totalmente fora de cogitação insinuar que todos os demais estavam errados e somente a abordagem dele estava correta. E se esta fosse realmente a sua intenção, o Talmud teria relacionado o comentário dele junto com todas as objeções daqueles que discordaram.

Não, eu tenho certeza de que Rabi Ianai era um apoiador de cada uma das ideias que nós apresentamos tão diligentemente nos capítulos anteriores, com o objetivo de analisar, sondar e buscar modos para pelo menos começar a entender as ações de Deus e nos mover da fé cega – uma fé que pode tropeçar a qualquer momento, pois carece da luz de qualquer razão – para uma fé racional, arraigada na conclusão de um questionamento intelectual. A fé racional concorda que nós não temos *todas* as respostas; ela reconhece basicamente que nós não nos envergonhamos de perguntar. A fé racional não toma simplesmente a sua decisão apesar do mal deste mundo; ela opta por Deus porque as razões para a crença em Deus, baseada na Sua bondade, excedem de longe as razões de rejeitá-Lo em decorrência das coisas que não entendemos.







Rabi Ianai merece um lugar em nossos estudos – mas só no fim, depois de abrir os nossos olhos aos diversos modos pelos quais fomos capazes de perceber que pode haver respostas – ou pelo menos respostas parciais – para os problemas que tanto nos deixam perplexos. Sim, as perguntas permanecem. Para elas, confiaremos na fé para obtermos as respostas. Mas a nossa fé – na verdade a fé que Rabi Ianai nos pede que mantenhamos – é a fé de uma criança que só compreende vagamente para onde está indo, mas que tem certeza absoluta de que o seu Pai a ama, mesmo quando Ele solta a sua mão por um instante.

Com isso em mente, nós iremos agora abordar o mais difícil de todos os enigmas do mal em toda a história. Como podemos manter a nossa fé após o Holocausto?

## **NOTAS**

49. *San'hedrin* 101a. – 50. Rabi Akiva cita primeiro uma passagem de 2 Reis, capítulo 21, e depois faz um comentário a respeito. – 51. *Meguilá* 14a. – 52. *Kidushin* 31b. – 53. Lamentações 4:11. – 54. *San'hedrin* 101a. – 55. Deuteronômio 7:10. – 56. Deuteronômio 4:15. – 57. Deuteronômio 11:13-15. – 58. *Shabat* 127a. – 59. Gênesis 3:19. – 60. Gênesis 3:16. – 61. *Berachot* 5a. – 62. Isaías 11:6: "O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará ao lado do cabrito; o bezerro, o filhote do leão e o animal adulto andarão juntos, e uma criança os conduzirá." – 63. *Nidá* 16b. – 64. Deuteronômio 34:10-12. – 65. *Mishná* 4:19.

## **No próximo E ÚLTIMO volume da série de e-books**

*Se Deus é Bom Por Que o Mundo é tão Ruim?*

Capítulo 15. A Fé Após o Holocausto

Capítulo 16. Um Encontro com um Místico

Posfácio & Sobre o Autor

**Não perca!**